



Matrizes

ISSN: 1982-2073

matrizes@usp.br

Universidade de São Paulo
Brasil

FERREIRA STEVANIM, LUIZ FELIPE

Sobre pontes e abismos: aproximações e conflitos entre os estudos culturais e a
economia política da comunicação a partir da obra de Stuart Hall

Matrizes, vol. 10, núm. 3, septiembre-diciembre, 2016, pp. 173-186

Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143049794012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Sobre pontes e abismos: aproximações e conflitos entre os estudos culturais e a economia política da comunicação a partir da obra de Stuart Hall

About bridges and abysses: approaches and conflicts between cultural studies and political economy of communication from Stuart Hall's work

■ LUIZ FELIPE FERREIRA STEVANIM *

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.
Rio de Janeiro – RJ, Brasil

RESUMO

O presente artigo reflete sobre as aproximações e tensões entre os estudos culturais e a economia política da comunicação, tomando como ponto de contato a obra de Stuart Hall. A partir das reflexões que o autor propõe sobre o tema da ideologia e as relações entre economia e cultura, argumenta-se que a compreensão dos fenômenos sociais não pode prescindir de uma abordagem que articule os diferentes campos, a fim de alcançar a totalidade social. Em suas análises sobre cultura, ideologia e identidade, Hall serve-se da perspectiva concreta do materialismo histórico sem se limitar ao determinismo econômico, sobretudo por meio de uma postura de renovação teórica que ajuda a superar as dissidências entre os dois campos.

Palavras-chave: Stuart Hall, estudos culturais, economia política da comunicação, ideologia, materialismo histórico

* Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), jornalista do Programa Radis de Comunicação e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e membro do Grupo de Pesquisa em Políticas e Economia Política da Informação e da Comunicação (PEIC/UFRJ). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3586-6280>
E-mail: lfstevanim@yahoo.com.br

ABSTRACT

This paper reflects on the approximations and tensions between cultural studies and the political economy of communication, taking the work of Stuart Hall as a contact point. From the reflections that the author proposes on the theme of ideology and the relations between economy and culture, we argue that the understanding of social phenomena cannot dispense with an approach that articulates different fields in order to reach the social totality. In his analyzes of culture, ideology, and identity, Hall uses the concrete perspective of historical materialism without limiting himself to economic determinism, especially through a posture of theoretical renewal that helps to overcome dissent between the two camps.

Keywords: Stuart Hall, cultural studies, political economy of communication, ideology, historical materialism

DOI: <http://dx.doi.org/10.111606/issn.1982-8160.v10.i3p.173-186>

À memória de Stuart Hall (1932-2014)

PORTAS DE ENTRADA: UMA RELAÇÃO “FAMILIAR” SOB RASURA

COLocar um pensamento *sob rasura* é deixá-lo, de certa maneira, sob suspeita, mas não em abandono. Ao contrário, consiste em provocar tensões em sua lógica de argumentação até que ele se depure por meio do exercício crítico¹. Essa é a relação tensa e provocativa que Stuart Hall estabelece com a herança marxista. Em um esforço de compreender o real histórico, Hall serve-se da perspectiva concreta do materialismo sem se limitar ao determinismo econômico. É, sobretudo, crítico aos desdobramentos autoritários da experiência do socialismo na União Soviética e em outros países. Essa postura ambígua de aproximação e afastamento, que constitui o modo de pensar do autor, foi compreendida por alguns de seus críticos como um abandono das questões de classe e transformação social, como se o seu pensamento acompanhasse a tendência pós-moderna de alheamento da realidade material. No entanto, Hall reelabora essas questões por meio de sua leitura do real histórico, pelo enfrentamento dos problemas e possibilidades associados à noção de ideologia e por uma abordagem das relações culturais a partir da perspectiva de poder e hegemonia, em diálogo com pensadores como Antonio Gramsci e o próprio Karl Marx.

As interpretações equivocadas das reflexões de Stuart Hall reforçaram o cisma entre duas correntes de estudos que Mattelart (2011: 157) caracteriza como a tensão entre dois “irmãos inimigos”: de um lado, uma perspectiva associada aos Estudos Culturais (EC); de outro, aquela ligada à Economia Política da Comunicação (EPC). Para Mattelart, esse hiato se estabeleceu em um contexto específico, a partir dos anos 1980 e 1990, entre projetos que nasceram convergentes “para depois distanciarem-se um do outro” (Ibid.). Ainda que, por vezes, as pesquisas sobre comunicação e cultura no Brasil tentem superar essa vertente que negligencia as questões de hegemonia e lutas de classes, subjacentes a outros debates como gênero e raça, o diálogo entre a economia política da comunicação e os estudos culturais também encontra dificuldades.

Esse cisma é observado até mesmo nos escritos dos primeiros autores da economia política da comunicação, especialmente em relação a Stuart Hall e à corrente aberta por David Morley, que derivou nos estudos de recepção. Em texto clássico sobre a economia dos meios, Garnham (1979) pondera sobre a postura de autores pós-althusserianos que sobrevalorizam o nível ideológico na comunicação em detrimento das relações econômicas. O maior

1. Essa ideia foi extraída por Stuart Hall da perspectiva desconstrutivista de Jacques Derrida e colocada em relação à questão da identidade cultural: “Diferentemente daquelas formas de crítica que objetivam superar conceitos inadequados, substituindo-os por conceitos ‘mais verdadeiros’ ou que aspiram à produção de um conhecimento positivo, a perspectiva desconstrutivista coloca certos conceitos-chave ‘sob rasura’. O sinal de ‘rasura’ (X) indica que eles não servem mais em sua forma original [...]: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (Hall, 2000: 103-104).

exponente desse grupo na Grã-Bretanha, segundo ele, seria Stuart Hall. Na sequência, Garnham cita Murdoch e Golding, uma vez que ambos criticam Hall e destacam que só é possível compreender a função dos meios como “aparelhos ideológicos” a partir de sua posição “como empresas comerciais de larga escala em um sistema econômico capitalista e se tais relações são examinadas historicamente”² (Garnham, 1979: 131).

Quem chega à última hora nesse embate acadêmico, em que se fantasiam inimigos ocultos, poderia supor Stuart Hall como um detrator do marxismo em lado oposto ao pensamento crítico. Não seria, no entanto, uma contradição em relação à proposta original do autor de utilizar as contribuições do materialismo histórico sem se limitar às suas amarras e limitações teóricas? O que justifica essa suposta separação entre os estudos culturais e a economia política da comunicação? As diferenças entre os dois campos seriam de ordem metodológica, epistemológica ou política? Especialmente no caso de Stuart Hall, que tem recebido as críticas mais agudas por parte dos economistas políticos, haverá contribuições a serem extraídas de sua obra para a análise crítica da comunicação na economia do capitalismo?

Este texto busca delimitar as fronteiras e perceber os pontos de aproximação entre os estudos culturais e a economia política da comunicação a partir da suposta polêmica sobre como situar a obra de Stuart Hall nesse território. Se pensássemos em um E. P. Thompson com sua análise das concepções de mundo da classe operária, caminho afeito com a trajetória não ortodoxa da Nova Esquerda dos anos 1960, ou em um Raymond Williams, ao analisar os modos de produção cultural, teríamos diante de nós aberturas mais tranquilas para aproximação. No entanto – e esta é a hipótese central deste texto –, o pensamento de Stuart Hall é construído a partir de um diálogo constante com o marxismo, em que as relações entre cultura, economia e política são articuladas sob uma ótica que busca compreender a totalidade da vida social. Portanto, *sob rasura*, a obra de Hall possibilitaria pontos de contato entre os estudos culturais e a economia política da comunicação.

A RELAÇÃO DE HALL COM MARX E O MARXISMO: ANÁLISE CONCRETA DA CULTURA

Ainda que privilegie em seus textos a dimensão cultural, Hall articula o econômico e o político nas leituras que faz do tempo presente. Porém, algumas de suas interpretações parecem apontar para um universo sem parâmetros na realidade, cujo painel seria composto por identidades fluidas e mutantes, em consonância com o discurso pós-moderno. É o que se apreende de um texto

2. Original: “as large scale commercial enterprises in a capitalist economic system and if these relations are examined historically”, tradução nossa.

de 1987, sugestivamente intitulado *Minimal selves* (algo como “Sujeitos mínimos”). Em que medida essa posição contradiz outro momento em que o autor afirma que “é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos” (Hall, 2000: 109)?

O convívio entre mutação e coerência na obra de Stuart Hall nos põe permanentemente diante de uma encruzilhada: Afinal, aonde ele quer chegar com tudo isso? Para essa pergunta, só resta a resposta de que não há um lugar necessário a que se chegar, como se imaginaria da trajetória de um vetor impulsionado por tensão determinista. Há, sim, pontos de partida e caminhos. Hall é, antes de tudo, um provocador, um questionador das condições do tempo presente, o que reforça a sua relação com a matriz marxiana de pensamento, que se volta para análises da realidade concreta. De acordo com essa opção teórico-metodológica, a formulação de perguntas é esforço mais frutífero do que a obtenção de respostas simplistas.

Olhar para o tempo presente implica em um esforço de análise conjuntural, se não quisermos nos ater ao imediatismo das reações pontuais. Essa empreitada vai além dos estudos de casos ou situações, ainda que estes possam emergir no fluxo do tempo. A metodologia utilizada por Stuart Hall deriva, portanto, da articulação entre as instâncias econômicas, políticas e ideológicas, a fim de explicar os fenômenos sociais. Quando aborda o fazer intelectual, Hall (2007) afirma ser seu objeto a conjuntura presente, como produto de “muitas determinações” (ou sobredeterminações, conceito derivado da ideia de “*overdetermination*”, de Louis Althusser), mas que permanece como “um horizonte livre, fundamentalmente não resolvido, e neste sentido aberto ao ‘jogo da contingência’”³ (Hall, 2007: 279, tradução nossa).

Observam-se aí duas dimensões do tempo presente identificadas por Hall: de um lado, ele não aparece solto em sua atualidade crua, mas se encontra associado ao decurso do tempo, o que lhe oferece uma história, um referencial espaço-temporal; de outro, as condições contemporâneas emergem de várias linhas e, em consequência, não há uma causa determinista que explique a raiz dos problemas. A questão que se propõe é: essa posição aproxima Hall do materialismo histórico, uma vez que as preocupações com a história fazem-se (literalmente) presentes, ou trata-se antes de um historicismo sem base concreta? Para responder a essa questão, precisamos dar um passo na direção de Marx e dos marxistas.

Ao discutir a questão da ideologia na obra de Karl Marx, Hall (2003c) compreende que a predominância da esfera econômica sobre a ideológica nos escritos do teórico alemão justifica-se por seu esforço em superar o idealismo

3. Original: “open horizon, fundamentally unresolved, and in that sense open to ‘the play of contingency’”.

de origem hegeliana e sobretudo as concepções da economia política clássica (de Adam Smith e David Ricardo) que fundamentavam suas análises sobre categorias a-históricas e ideais, tais como a liberdade irrestrita de comércio e lucro. Ao naturalizar a condição histórica específica do capitalismo moderno, Smith e Ricardo compreendiam que as relações sociais haviam atingido seu ápice no sistema atual com a liberdade econômica e não haveria o que aperfeiçoar, concepção da qual Marx discordava frontalmente, diante das condições materiais de vida dos trabalhadores e da existência do que ele denominou de “mais-valia”.

A partir de seu projeto teórico e político de construir uma crítica ao capitalismo, Karl Marx sustentou a questão da ideologia sob três pilares, como aponta o próprio Stuart Hall (2003c: 270): em primeiro lugar, a premissa materialista, segundo a qual “as ideias surgem das condições materiais”; em segundo, o determinismo da esfera econômica sobre a política; em terceiro, a ligação entre as ideias e as classes sociais, compreendendo que “as ideias ‘dominantes’ são aquelas da ‘classe dominante’”. É em relação a essas três premissas que Hall coloca o pensamento de Marx “sob rasura”, isto é, apropriando-se dele, mas superando suas limitações. Segundo Hall, as determinações econômicas se dariam ao moldar as condições materiais nas quais as ideias são produzidas, distribuídas e consumidas, mas não define o conteúdo específico de cada uma delas. Em outras palavras, tratam-se de determinações *sem garantias*, sem previsibilidade absoluta, sem reducionismo.

É o pensador italiano Gramsci (2007) que esclarece que o materialismo histórico não se confunde com economicismo, isto é, com a tendência em reduzir a análise social à dimensão econômica. Marx consagrou a célebre frase em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*: “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (Marx, 1974: 335). Gramsci, e depois Louis Althusser, sempre citados por Hall, vão talhar essa concepção de Marx e romper com a tendência de considerar a economia como determinante da vida social.

Para Gramsci, como mostra Hall, seria reducionismo imaginar que os fatores econômicos condicionam as condições políticas e ideológicas. Antes, o que se tem de pensar é que limites e tendências “traduzem e determinam apenas na medida em que definem o terreno sobre o qual as forças históricas se movem”, isto é, para o autor “eles definem os horizontes de possibilidade” (Hall, 2003a: 308) – como numa partida esportiva em que as dimensões do campo e as regras da disputa estivessem dadas, mas não a posição dos jogadores. Desse modo, o marxismo é “sem garantias” porque as consequências



Sobre pontes e abismos: aproximações e conflitos entre os estudos culturais e a economia política da comunicação a partir da obra de Stuart Hall

do capitalismo sobre a vida social também não são definitivas e inescapáveis, já que a dominância de um conjunto de ideias não exclui a possibilidade do insurgente, do alternativo e do contra-hegemônico.

Hall, portanto, expande o conceito de ideologia em relação a Marx, pois nele está contida não somente uma dimensão de conservação da ordem, mas também os processos de transformação e renovação. É na “luta ideológica” (Hall, 2003c, 2003d) – expressão apropriada de Antonio Gramsci, a partir da noção de “guerra de posição” – que se dá a luta de classes, a disputa para conservar ou transformar as condições históricas. Portanto, Hall não se filia a um projeto idealista, sem base na realidade. Ao contrário, seu ponto de aproximação com o marxismo está mesmo em sua leitura da identidade cultural, como algo construído histórico-socialmente e não achado ou dado pela natureza imutável das coisas.

Eis uma contradição: se a identidade é construída, como pode ser concreta? É que não se trata de opor o concreto ao abstrato, mas antes o construído ao natural, o histórico ao imutável – deslocamento que nos leva novamente a aproximar Hall do marxismo⁴. Segundo o próprio Stuart Hall (2003b), em *Marx's notes on method*, o método de Marx é abstrato: ocupa-se em desentranhar a teoria da mais-valia da relação concreta de exploração do trabalhador assalariado, e daí explicar o fetichismo da mercadoria e as relações alienadas com o trabalho. Em outras palavras, Marx desenvolve uma abstração teórica, inalcançável sem esforço intelectual, para jogar luz sobre aquilo que o operário da Europa Ocidental, na segunda metade do século XIX, sentia na pele, mas não se dava conta, já que se encontrava submerso nas condições percebidas de modo naturalizado por imposição do sistema capitalista. Trata-se, portanto, de um esforço para desnaturalizar, isto é, transformar em história – abstrair para atingir o concreto (logo se vê que esses conceitos, concreto e abstrato, não são antagônicos).

Ao contrário dos economistas políticos clássicos, como Smith e Ricardo, que consideravam as relações econômicas sob um prisma essencialista, isto é, naturais e inevitáveis, Marx apresenta uma concepção segundo a qual as distintas formas de produção estão ancoradas no tempo e nas condições materiais. Assim também é Hall, ao recusar a individualidade como algo dado antes da cultura, recuperando a centralidade do real histórico, sem o qual “não podemos fazer nós mesmos”⁵ (Hall, 2007: 275). A identidade cultural, portanto, não é algo dissociado da realidade concreta.

Quando Hall fala da condição do migrante negro na sociedade britânica, ele se refere aos conflitos de expressão vivenciados por cada um deles – e não podemos esquecer que ele está falando, em certa medida, de sua própria trajetória. Sua perspectiva é concreta, isto é, prática cultural vivida, revelada desde

4. Ironicamente, a mesma posição é tomada pelo economista político Nicholas Garnham no texto de 1979 da revista *Media, Culture and Society*, em que critica Hall e os pós-althusserianos. Para o autor, “o abstrato não deve ser oposto ao concreto, assim como as formas dos fenômenos não devem ser opostas às relações reais. Uma é precisamente a forma da outra” (Original: “the abstract should not be opposed to the concrete, just as the phenomenal forms should not be opposed to the real relations. One is precisely a form of the other” [Garnham, 1979: 125]). As relações de troca – eminentemente abstratas – assumem, segundo ele, aspectos concretos na materialidade da forma *dinheiro*.

5. Original: “without which we could not have made ourselves”.

o movimento das diásporas até a luta pela afirmação da identidade, incluindo a assimilação e a absorção das formas culturais padronizadas. Por outro lado, ainda que se narrem casos ou se exponham fatos, como Hall faz com recorrência, sua abordagem vai além do empírico, isto é, supera tanto o numérico quanto aquilo que a experiência revela.

Em *Cultural studies and the centre: some problematic and problems*, de 1980, Hall indica um esforço dos estudos culturais produzidos no Centro de Birmigham de se contraporem ao funcionalismo norte-americano. Ao abolir a contradição de suas análises (noção cara ao marxismo), os funcionalistas utilizam métodos das ciências naturais e exatas, consideradas *fortes*, para explicar os fenômenos sociais – gerando um ponto de vista empiricista e quantitativo. Mais uma vez, há a fratura entre o concreto e o empírico.

Portanto, se o pensamento de Stuart Hall possui algumas possibilidades de aproximação com o marxismo a partir da compreensão do real histórico, por que os campos dos estudos culturais e da economia política da comunicação possuem dificuldade de diálogo?

CAMINHOS QUE SE BIFURCAM: PONTOS DE TENSÃO E RUPTURA ENTRE OS ESTUDOS CULTURAIS E A ECONOMIA POLÍTICA DA COMUNICAÇÃO

O que teria Stuart Hall a contribuir com o campo da economia política da comunicação? Colaborações são possíveis, mas nem sempre desejáveis, devido à institucionalização das esferas de saber acadêmico. Além dos entraves de ordem política, há ainda algumas barreiras a superar.

A primeira delas diz respeito ao nível de análise, que diferencia o caminho trilhado pelos estudos culturais (e por Hall, em consequência) e aquele escolhido pela economia política da comunicação: enquanto o primeiro grupo está muito mais interessado nas práticas culturais vividas e suas formas de expressão específicas, com apreço pelo desdobramento microsocial, o segundo busca antes entender as relações que se estabelecem no nível macroestrutural da sociedade capitalista. Nota-se aí uma fratura decisiva, mas não definitiva. Afinal, na realidade social, o local e o global se articulam como instâncias de poder. O próprio Hall foge reiteradamente a essa regra quando opta pela análise de conjuntura e recupera o conceito de totalidade social (Hall, 1980: 29) presente em Marx e ao qual os economistas políticos da comunicação se remetem com frequência. Segundo Hall afirma a partir de Marx, a totalidade social é produto dinâmico de diferenças e distinções mais do que de correspondências e similaridades.

Seguidores tanto de uma linha quanto de outra adotaram essa diferenciação entre o grande e o pequeno, ainda que ela não seja tão nítida em sua origem. As pesquisas de cunho culturalista tendem a se debruçar sobre o conteúdo, a forma, os usos e os consumos das práticas comunicativas com frequência, desconsiderando as instâncias de produção econômica e as estruturas de poder – o que gera uma despolitização da teoria. Reflexo de um passo dado pelo próprio Centro de Birmigham em direção ao conceito estruturalista de texto, essa tendência a perder o vínculo histórico e social foi alertada pelo próprio Hall (1980), quando criticou o privilégio que Lévi-Strauss dava ao sincrônico em relação ao diacrônico. Por outro lado, a crítica a que os economistas políticos da comunicação estão sujeitos é o reverso da medalha: o olhar estendido ao todo anula as especificidades dos sujeitos e as dinâmicas das relações interpessoais, e gera generalizações distorcidas. Como ensina Vincent Mosco (1996), a visão que acompanha esse campo de estudos busca enxergar a totalidade das dimensões sociais e não os fragmentos da realidade.

Ainda segundo Mosco, o campo social é dinâmico e composto de inúmeras fraturas em processo de mudança. Para tanto, faz-se necessário anular a noção de causalidade mecânica e inaugurar a ideia de constituição mútua, em que diferentes fatores se influenciam. Conceito semelhante está presente em posição central na obra de Hall – o que mostra que não há incompatibilidade entre as análises estruturais da economia política da comunicação e o pensamento de Hall. Trata-se da ideia de *articulação* como uma relação não determinista, mas dinâmica, entre práticas ou fenômenos:

Pelo termo “articulação” quero dizer uma conexão ou vínculo que não é necessariamente dado em todos os casos, como uma lei ou fato da vida, mas algo que requer condições particulares para sua emergência, algo que deve ser positivamente sustentado por processos específicos, que não é “eterno” mas que se renova constantemente, que pode, sob certas circunstâncias, desaparecer ou ser derrubado, levando à dissolução de antigos vínculos e a novas conexões – rearticulações. (Hall, 2003d: 196)

A segunda barreira de afastamento entre os estudos culturais e a economia política da comunicação funda-se nas distinções em torno da concepção de cultura. Hall propõe a expansão do alcance dessa noção, uma vez que cada instituição ou atividade gera seu conjunto de práticas e significados. Desse modo, podemos falar de *cultura* em espaços não convencionais: como no econômico e no político. A concepção de cultura para Hall se

baseia na noção de sobredeterminação: aquilo que determina e, ao mesmo tempo, é determinado. Desse modo, a cultura é compreendida como parte constitutiva do político e do econômico, pois são esferas que se “*constituem mutuamente* – o que é outra maneira de dizer que se articulam um ao outro” (Hall, 1997: 34 [grifo nosso]).

Hall ensina que “*toda prática social tem condições culturais ou discursivas de existência*” (Hall, 1997: 34 [grifos do autor]), uma espécie de face dos fenômenos sociais enquanto discurso. O primeiro risco de se considerar a proeminência da cultura nas esferas da vida social é a banalização do termo: se cultura é tudo, pode também ser nada. O que define as características das expressões e práticas culturais? É possível desentranhá-las do todo social ou elas são o todo, indefinidamente? A segunda reserva se refere a certo fatalismo que a posição culturalista pode carregar caso seja levada ao extremo. Se os problemas são explicados apenas pela sua raiz cultural, parecem fugir do curso mutável da história, como na concepção frequente ao senso comum de que “o brasileiro é preguiçoso”, ou despolitizado, que tal característica faz parte de “nossa cultura” e, desse modo, “não tem jeito”, não há como mudar. Tal limite, porém, somente se faz sentir se a cultura for pensada de modo estático, fixo, e não como Hall a compreende, isto é, um processo dinâmico.

Por fim, o terceiro cuidado que precisamos tomar é em relação à certa definição discursiva da cultura que restringe o termo à noção de escrita ou letramento: afinal, essa é uma acepção eminentemente ocidental, com base iluminista e fiel ao projeto estruturalista. O que dizer das práticas que não são traduzíveis por meio da escrita, tais como a comunicação não verbal ou as relações com o sagrado, de sociedades ou práticas não centradas na cultura letrada, como as religiões afro-brasileiras? Segundo Lévi-Strauss citado por Hall (1980), apesar da variedade de experiências significantes, as estruturas de constituição de sentido se repetem através das culturas. Porém, o que garante tal previsibilidade de formas a não ser a presunção de um leitor ocidental? O próprio Hall, apesar de beber na fonte estruturalista, sabe que precisa ir além ao propor a expansão do “sentido de ‘cultura’ de textos e representações para práticas vividas, sistemas de crenças e instituições [...]”⁶ (Hall, 1980: 23).

Se na concepção apreendida dos estudos culturais prevalece a ideia de práticas e significações vivenciadas pelos sujeitos, para a economia política da comunicação a noção de cultura é eminentemente ligada à ideia de mercador. Em texto publicado na revista *Media, Culture and Society*, de 1979, o francês Bernard Miège analisa o processo pelo qual o capitalismo se promove pela cultura. De acordo com Miège, e essa posição costuma ser recorrente

6. Original: “the meaning of ‘culture’ from texts and representations to lived practices, belief system and institutions”.



Sobre pontes e abismos: aproximações e conflitos entre os estudos culturais e a economia política da comunicação a partir da obra de Stuart Hall

nos autores desse movimento, a mercadoria cultural tem especificidade, uma vez que trabalha com o imaginário e as concepções de mundo, mas não deixa de ser mercadoria. Mais do que um conjunto de práticas discursivas que atravessam todas as esferas da vida, a cultura é vista como um processo integrado à economia capitalista. A conceituação de *mercadoria cultural* busca enxergar as relações entre o consumo e as condições capitalistas de produção e reprodução.

A partir dos anos 1990, as pesquisas ligadas aos estudos culturais – sobretudo derivadas da matriz norte-americana – começam a se distanciar da compreensão de cultura inserida na produção capitalista. Apesar de não ver oposição entre a economia política da comunicação e os estudos culturais, Vincent Mosco (1996) critica essa tendência a partir de três pontos: em primeiro lugar, por superestimar a liberdade da audiência, como se consumir significasse escolher (como cidadão); por minimizar a mercantilização, um dos eixos centrais da cultura contemporânea; e, por último, por confundir recepção ativa com atividade política, como se o público mais crítico em relação aos programas de TV, evidência mostrada pelas pesquisas de recepção, implicasse em alternativas de participação política.

Estaria aberta aqui uma fratura intransponível entre a economia política da comunicação e os estudos culturais? A noção de cultura teria condenado as duas correntes a caminhos antagônicos? Do ponto de vista histórico, ambas as matrizes teóricas têm uma origem comum como reação ao modelo político do socialismo autoritário. Porém, em um dado momento, por volta dos anos 1980 e 1990, os estudos culturais se expandiram e assumiram diferentes matizes, acompanhando a tendência de considerar a cultura um campo autônomo da realidade. É o que Armand Mattelart e Erik Neveu associam à despolitização dessa matriz, diferente da posição original de Hall e outros, o que gera problemas que “alimentam principalmente as tendências populistas, dotando os consumidores de produtos culturais de uma reflexividade soberana que torna o trabalho crítico supérfluo” (2004: 154). Herscovici, Bolaño e Mastrini (2000: 6) criticam o fato de que “os últimos desenvolvimentos dos estudos culturais foram acompanhados pelo esquecimento de temas como as classes e o poder”, referindo-se aos desdobramentos tomados nos anos 1990. Ao mesmo tempo, e não por acaso, essa corrente de estudos era institucionalizada como cânone na academia, a despeito do esforço transdisciplinar em essência dos *pais fundadores*⁷.

De fato, Hall nunca entendeu os estudos culturais como uma disciplina, porque as fronteiras claramente estabelecidas entre as ciências não davam conta de um mundo em transformação. O seu esforço de transdisciplinaridade

7. Hall sempre negou a posição de pai fundador dos estudos culturais, não como quem renega a cria, mas por não acreditar que essa posição existisse: “Eu recuso a paternidade – os estudos culturais tinham muitas origens, muitos ‘pais’, embora se sinta uma certa responsabilidade por isso [...]” (Hall, 2007: 271-272). Original: “I deny paternity – cultural studies had many origins, many ‘fathers’, but nevertheless, one feels a certain responsibility for it”).

resulta da percepção de “um descompasso entre as disciplinas, de um lado, e os fragmentos de realidade alterados e deslocados rapidamente com os quais nos confrontamos todos os dias”⁸ (Hall, 2007: 276, tradução nossa). Em dado momento, Hall (1980) chega até a ironizar a ciência que só tem resposta para o mundo se ele deixar de ser mutável.

No entanto, as pesquisas filiadas aos estudos culturais ganharam trânsito nos cenários acadêmicos hegemônicos da comunicação, embora não tenha havido uma institucionalização disciplinar no Brasil (até porque não se fez necessária), na forma de estudos sobre: recepção, usos e consumos midiáticos; cultura das mídias; linguagem, textos e imagens; entretenimento; práticas midiáticas; corpo; representações e identidades, dentre outros. Por outro lado, a economia política da comunicação, especialmente no Brasil e em outros países latino-americanos, permaneceu à margem do pensamento hegemônico e empreende ainda hoje um esforço de constituição do campo, o que não raro, contribui para seu isolamento.

8. Original: “a disjuncture between the disciplines, on the one hand, and the rapidly shifting and changing fragments of reality which confront us today”.

PORTAS DE SAÍDA: PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS

No Brasil, as fronteiras entre economia política da comunicação e estudos culturais assumem outros contornos, porém os impasses se perpetuaram e acentuaram-se pela fratura entre dois campos antagônicos: de um lado, uma corrente focada nas dinâmicas culturais específicas, em busca dos reflexos do conteúdo e do consumo midiático sobre a realidade vivida pelas pessoas, em geral sem considerar as estruturas de produção e reprodução das indústrias culturais; de outro, uma matriz preocupada com os conflitos de interesse e os mecanismos de dominação, e que examina a atuação dos grupos hegemônicos em um viés eminentemente crítico (não raro próximo à denúncia). Entre as fraturas que se observam entre os dois campos, estão: a dificuldade de articular as instâncias micro e macrosociais; a separação entre sujeito e estrutura; e a contraposição entre os processos de produção e reprodução cultural, de um lado, e consumo dos conteúdos, de outro.

Porém, como visto na proposta teórica de Hall, é preciso superar os binarismos interpretativos a partir de um esforço mais amplo para compreender as articulações entre as diferentes esferas da vida social. Esse percurso não significa abandonar as especificidades de cada ângulo ou ferramenta de análise, mas permitir que as diversas matrizes possam dialogar a partir de suas contradições e contraposições – colocando as diferenças sob rasura. Como ocorre nos conflitos familiares, a primeira defesa é apontar o outro como culpado. Especialmente na América Latina e no Brasil, em que as disputas acadêmicas

Sobre pontes e abismos: aproximações e conflitos entre os estudos culturais e a economia política da comunicação a partir da obra de Stuart Hall

tornam-se repartição de migalhas, os dois campos não se comunicam. Estariam ambos condenados a fronteiras intransponíveis? Não é essa a lição aprendida com Hall, para quem os limites estabelecidos pelas disciplinas reduzem a capacidade de entender o mundo.

Os problemas culturais atravessam as esferas do econômico, do político e do ideológico propriamente dito – não se pode pensar a cultura como prática isolada. Os estudos de cultura, independentemente da corrente a que se filiem, precisam discutir as questões de acesso e distribuição igualitária dos bens e serviços culturais, a necessidade ética e social das políticas de cultura, e as disputas de poder que se dão nos âmbitos cultural e comunicativo – temas de referência para a economia política da comunicação. Já esta matriz carece de entender a variedade de agendas culturais colocadas pelos grupos sociais, até mesmo pela pluralidade de indivíduos, especialmente no que diz respeito à representação e à questão da identidade, e a partir daí buscar o lugar das práticas alternativas que distendem e desestabilizam o quadro hegemônico – demandas para as quais a fonte dos estudos culturais é rica em respostas.

Os dois campos possuem agendas em comum, relacionadas à centralidade da cultura e da comunicação na vida contemporânea. Um dos desafios que se colocam para ambos é entender o papel dos sujeitos na estrutura social; para este ponto-chave, o caminho de análise encontra-se na noção de articulação como entendida por Hall, que permite compreender como os atores influenciam os processos políticos, econômicos e culturais, e são influenciados por eles, em uma dinâmica de constituição mútua. Nesse caso, os olhares da EPC e dos EC podem trabalhar juntos ao articularem o macro e o micro. Outra agenda desafiadora para os dois campos é o papel político das relações culturais na transformação da sociedade, especialmente no que diz respeito ao exercício da cidadania, sobretudo em sociedades nas quais ainda há carência na efetivação de direitos e na democracia, como é o caso da brasileira. É preciso compreender em que medida as relações mediadas pela cultura e pela comunicação reproduzem estruturas desiguais de poder ou possibilitam a emergência de novas expressões e reflexões. Esse é um terreno fértil para que se possa trabalhar a articulação entre os olhares da economia política e dos estudos culturais a partir das contribuições da proposta crítica e transformadora de Stuart Hall, tendo o diálogo como caminho para superar os preconceitos. ■

REFERÊNCIAS

GARNHAM, N. Contribution to a political economy of mass communication. *Media, Culture and Society*, Thousand Oaks, v. I, n. 2, p. 123-146, abr. 1979.

- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Tradução de Luiz Sérgio Henriques, Marco Aurélio Nogueira e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- HALL, S. Cultural studies and the centre: some problematics and problems. In: HALL, S. et al. *Culture, media, language: working papers in cultural studies, 1972-79*. Londres: Hutchinson, 1980. p. 15-47
- _____. Minimal selves. In: APPIGNANESI, L. (Ed.). *The real me: post-modernism and the question of identity*. Londres: Institute of Contemporary Arts, 1987.
- _____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- _____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org. e Trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- _____. A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade. In: SOVIK, L. (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003a. p. 294-333.
- _____. Marx's notes on method: a "reading" of the "1857 introduction". *Cultural Studies*, Londres, v. 17, n. 2, p. 113-149, 2003b.
- _____. O problema da ideologia: o marxismo sem garantias. In: SOVIK, L. (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003c. p. 265-293.
- _____. Significação, representação, ideologia: Althusser e os debates pós-estruturalistas. In: SOVIK, L. (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003d. p. 160-198.
- _____. Epilogue: through the prism of an intellectual life. In: MEEKS, B. (Ed.). *Culture, politics, race and diaspora: the thought of Stuart Hall*. Kingston, Miami: Ian Randle Publishers; Reino Unido: Lawrence & Wishart, 2007.
- HERSCOVICI, A.; BOLAÑO, C.; MASTRINI, G. Economia política da comunicação e da cultura: uma apresentação. In: LOPES, M. I. V. de; FRAU-MEIGS, D.; SANTOS, M. S. T. dos. (Orgs.). *Comunicação e informação: identidades e fronteiras*. São Paulo: Intercom; Recife: Bagaço, 2000. p. 87-103.
- MARX, K. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte. In: _____. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Tradução de Leandro Konder. Seleção de José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p. 329-410.



Sobre pontes e abismos: aproximações e conflitos entre os estudos culturais e a economia política da comunicação a partir da obra de Stuart Hall

MATTELART, A. Estudiar comportamientos, consumos, hábitos y prácticas culturales. In: ALBORNOZ, L. *Poder, medios, cultura: una mirada crítica desde la economía política de la comunicación*. Buenos Aires: Paidós, 2011. p. 157-176.

MATTELART, A.; NEVEU, E. *Introdução aos estudos culturais*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

MIÈGE, B. The cultural commodity. *Media, Culture and Society*, Thousand Oaks, v. I, n. 3, p. 297-311, abr. 1979.

MOSCO, V. *The political economy of communication: rethinking and renewal*. Londres: Sage, 1996.

Artigo recebido em 15 de março de 2015 e aprovado em 23 de maio de 2016.